

A escola
Na Vibe
da #Paz



PUBLIEDITORIAL

ESCOLA, LUGAR DE GENTE FELIZ

Nova campanha da Undime-SP promove o bem-estar emocional da comunidade escolar após tragédia em Suzano



Escola segura é a que faz bem para todos

Undime-SP faz campanha para melhorar a convivência escolar, fortalecer os vínculos com a família e a comunidade e prevenir a violência

“**S**e deseja ajudar uma criança, cuide dos adultos que cuidam dela.” As palavras do psicanalista britânico John Bowlby (1907-1990) inspiram a nova campanha da Undime-SP: “A escola na vibe da #paz”.

Promover a saúde e o bem-estar emocional da comunidade escolar é um dos pilares do projeto lançado pela seccional paulista da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime-SP), no dia 8 de abril, durante a primeira reunião ordinária da nova diretoria, em São Paulo.

A ideia da campanha surgiu após a tragédia na escola estadual Professor Raul Brasil, em Suzano (SP), em 13 de março, quando dois ex-alunos mataram oito pessoas.

“A Undime-SP esteve em Suzano e saiu de lá decidida a mobilizar e

subsidiar os municípios com ferramentas técnicas e profissionais com experiência teórica e prática para discutir a prevenção e o que fazer depois de episódios de violência”, disse Luiz Miguel Garcia, presidente da Undime-SP e secretário municipal de Educação de Sud Mennucci.

Presente na abertura da reunião com os dirigentes municipais, o secretário de Estado da Educação de São Paulo, Rossieli Soares da Silva, parabenizou a iniciativa da Undime-SP e defendeu a necessidade de desenvolver competências socioemocionais dos profissionais de educação e dos alunos para tornar o ambiente escolar mais seguro.

“Como a gente garante isso? Esse é o debate que precisamos ter. Estados e municípios precisam juntar forças e focar em algo fundamental: o estudante. Precisamos dar mais espaço e ouvir mais os jovens”, afirmou para a plateia que lotou a sede da Undime, no Centro da capital paulista.

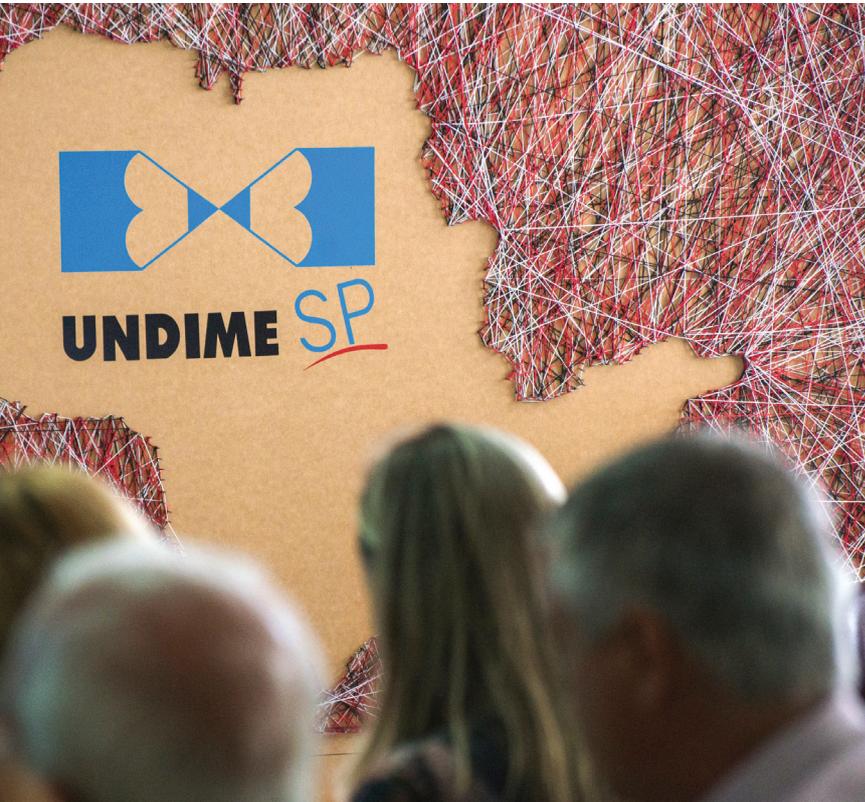
Alunos, professores, gestores, funcionários, família e a comunidade do entorno das escolas são o público-alvo da campanha “A escola na vibe da #paz”.

“Nossa ideia é mostrar que a educação é responsabilidade de

todo mundo. A escola não pode mais ignorar a família”, disse Cristiana Berthoud, secretária de articulação da Undime-SP e chefe da pasta de Educação da Estância Turística de Tremembé. “É preciso trazer os pais e a comunidade para dentro da escola, como voluntários, para que eles conheçam os alunos. Dessa forma, o cidadão se sentirá responsável pela formação da nova geração.”

O próximo passo do projeto, após o lançamento e a sensibilização dos dirigentes, é promover reuniões e palestras psicoeducacionais nas 13 macrorregiões da Undime-SP e dar apoio e subsídios técnicos para implementação de medidas práticas, por meio da ação de tutores (escolhidos pela comunidade escolar).





A proposta é de que os tutores, treinados numa parceria com o Instituto de Psicologia 4 Estações, atuem como disseminadores dos preceitos da campanha em todo o estado e que esses valores, de fortalecimento dos vínculos sociais dentro e fora da escola, ecoem futuramente em cada um dos 49 polos e 645 municípios paulistas.

Para ampliar a atuação do projeto, a entidade está em busca de parceiros e apoio financeiro.

MÚLTIPLAS DIREÇÕES

Expectativa é de que a campanha chegue aos 645 municípios de SP e ecoe para todo o país

“Trata-se de um trabalho de cidadania, de valorização do ser humano”, alerta Luiz Miguel.

O presidente da Undime-SP salta a importância do papel dos gestores das escolas e dos secretários no projeto. “Eles são os grandes motivadores e articuladores dessas ações. São responsáveis por conscientizar suas equipes no dia a dia.”

A expectativa é de que cada cidade construa, dentro das diretrizes gerais da campanha, seus próprios projetos.

“A ideia é sensibilizar, mobilizar e instrumentalizar. Chamar o professor, os vizinhos da escola para discussão. Daí cada região, cada município, dentro da sua realidade, vai lançar mão das estratégias que desejarem”, explica Cristiana. “Queremos monitorar e compartilhar boas práticas de cada município no site da Undime (undime-sp.org.br).”

Cristiana defende a capacitação de educadores para que trabalhem com os alunos o desenvolvimento de empatia, que consigam identificar sinais de agressividade velada e que saibam dar encaminhamento a isso.

Na opinião de Ernesto Farias, diretor do Iede (Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional), avaliações, como a Prova Brasil, e questionários internos aplicados nas escolas podem ser fontes de informação relevante para a escola,

DIRETRIZES BÁSICAS DA CAMPANHA A ESCOLA NA VIBE DA #PAZ

Quais serão os passos do novo projeto da Undime-SP para promover o bem-estar emocional e a paz nas escolas municipais

SENSIBILIZAÇÃO

Chamar a atenção das equipes das secretarias municipais de Educação e dos gestores de escolas para a importância da saúde emocional dos alunos

MOBILIZAÇÃO

Envolver no debate toda a comunidade escolar (gestores, professores, famílias e alunos) e a comunidade do entorno da escola

INSTRUMENTALIZAÇÃO

Dar recursos a professores, funcionários, gestores, famílias e vizinhos das escolas para que identifiquem sinais de situações complicadas e deem o encaminhamento necessário a elas

captando onde há problemas.

“Vai acender o alerta da secretaria, por exemplo, se numa escola dez professores respondem que não se sentem respeitados pelo diretor ou se é relatado um cotidiano de agressão verbal e física entre alunos e professores.”

Para a psicóloga Gabriela Cassellato, cofundadora do Instituto 4 Estações e parceira da Undime-SP na campanha, a melhor prevenção

é sempre o relacionamento saudável. “O vínculo é promovedor da segurança e do bem-estar”, diz ela, citando Bowlby, autor da Teoria do Apego.

Isso vale para toda a comunidade escolar, sem exceção. “Todos nós precisamos que alguém desligue a nossa chavinha do medo”, afirma Gabriela.

Ao lado da colega Patricia Vidal, ela apresentou em palestra na Undime como será o trabalho para promoção da escola como um ambiente seguro, onde a criança consegue se perceber e perceber o outro, desenvolvendo a empatia e melhorando o aprendizado.

Pesquisas nacionais e internacionais mostram que o clima escolar contribui para o aperfeiçoamento dos resultados da escola.

“A violência incide não só na segurança pública, mas também, no aprendizado das crianças e adolescentes, na qualidade da educação, no abandono escolar, na evasão, no desinteresse”, diz Miriam Abramovay, pesquisadora sobre violência nas escolas. Ligada à Faculdade Latino-Americana de Ciências So-

ATRÁS DOS MUROS DA ESCOLA

Como a violência se manifesta no dia a dia dos estudantes

(em %)

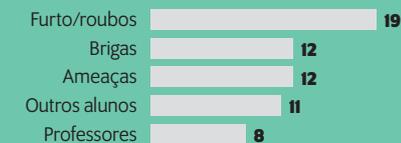
TIPO DE AGRESSÃO SOFRIDA



QUEM FOI O AGRESSOR



O QUE MAIS INCOMODA



Pesquisa Flacso/MEC, realizada em 2015

VIOLÊNCIA ESCOLAR NO BRASIL

O diagnóstico nas capitais mais violentas do país

42%

dos estudantes afirmam já ter sofrido violência física ou verbal dentro da escola

15%

dizem ter cometido alguma violência

9%

souberam de assassinatos nos arredores da escola

22%

dos alunos viram armas na escola

Pesquisa Flacso/MEC, realizada em 2015



ciais (Flasco), Miriam defende que estados e municípios tenham uma política de convivência escolar.

Na mesma linha, a Undime-SP acredita que é preciso levar a família e a vizinhança para dentro da escola.

“Como disse o papa Francisco, muito se fala da cultura da paz, mas também precisamos fazer a cultura do encontro. A escola deveria ser o lócus de encontros ricos, saudáveis, que fortalecem as pessoas, que promovem a saúde”, finaliza a secretária de articulação da entidade, Cristiana Berthoud.

MOBILIZAÇÃO
Cristiana Berthoud,
da Undime, lança a
campanha “A escola
na vibe da #paz”



A responsabilidade é de todos

Venha com sua ideia, do seu jeito, para construir uma escola e uma sociedade de vida e de paz

Por Luiz Miguel Garcia

O silêncio que uma tragédia emprega no ar diz muito mais que qualquer grito de horror. O cheiro da dor e as imagens congeladas das atitudes ausentes insistem em nos condenar, apesar da nossa inocência aparente.

Tragédias coletivas como as das escolas em Suzano, no Rio e no mundo todo chocam a sociedade. Mas as tragédias diárias, que vitimam em pequena escala, constituem de fato a grande tragédia do nosso tempo. Perdemos vidas, sonhos, afetividade, amor, esperança!

Qual é a minha culpa? Qual é a minha atitude pra evitar o pecado futuro? É fundamental estarmos certos de que “crise de consciência” não impede nada de ruim nem cria algo bom. O que precisamos é de atitudes concretas.

A comunidade educacional já desenvolve diversas ações, mas é preciso mais: mais ousadia, mais mobilização, mais investimentos.

O poder público deve defender uma sociedade de paz, não armamentista, e oferecer condições políticas e financeiras para o desenvolvimento de projetos eficazes.

A União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime-SP) está buscando um caminho, vencendo a inércia e o pavor que nos imobilizam diante das tragédias.

Somos uma entidade que repre-

senta os municípios no regime de colaboração dos entes federados União-Estados-Municípios. Buscamos a paz nas escolas, nas famílias, na comunidade.

Mas a paz é bem-vinda e necessária em toda a sociedade: também na política, para avançarmos institucionalmente; nos negócios, para barrarmos a corrupção e conquistarmos justiça social; na vida de cada um.

Como resposta à realidade, a Undime-SP efetivou a ação chamada “A escola na vibe da #paz”. Realizamos uma formação técnica inicial e a replicaremos em 13 regiões de São Paulo, permitindo, a partir dessas ações, a articulação de infinitas outras nas 645 cidades paulistas e, quiçá, nos 5.570 municípios brasileiros.

Não se trata de uma solução mágica, e sim, de uma ação efetiva, concreta e, esperamos, inspiradora!

Essa ação tem nome, cronograma, responsáveis, orçamento e, principalmente, motivações.

Este é o chamado: venha com sua ideia, do seu jeito, com seus motivos, com suas ações! É assim que transformaremos a realidade e construiremos uma sociedade de vida e de paz!

Luiz Miguel Garcia
Professor, doutor pela PUC-SP.
É secretário municipal de Educação de Sud
Mennucci e presidente da Undime-SP

ENTREVISTA: CLAUDIA COSTIN

“É preciso ouvir a voz dos alunos”

Secretária da Educação do Rio à época do massacre na EM Tasso da Silveira, em Realengo, defende o empoderamento de estudantes e professores



Secretária da Educação do Rio de Janeiro quando um ex-aluno matou 12 estudantes num colégio em Realengo, em 7 abril de 2011, Claudia Costin sugere que a escola dê voz aos alunos para se tornar um lugar mais seguro.

*

Como a senhora recebeu a notícia do massacre em Realengo?

Eu estava em Washington. Tinha acabado de fazer uma palestra e voltei ao hotel sem saber de nada. Quando escrevi “bom dia” nas redes sociais, alguém respondeu “como assim, bom dia?” Só então descobri. Foi chocante. Peguei o primeiro avião de volta.

Quais foram as suas primeiras medidas?

Foi preciso cuidar da dor de alunos, professores e famílias, mas também tínhamos de garantir a tranquilidade para os estudantes voltarem à escola. Foi uma oportunidade para trabalhar as relações no colégio. Ficamos durante dez dias letivos só atendendo os professores. A secretaria tinha uma equipe de psicólogos e assistentes sociais. E também trabalhamos em

parceria com as outras pastas. Que tipos de problemas enfrentou? Tivemos de lidar com os feridos, com os familiares das pessoas que perderam seus filhos. Uma das alunas ficou paraplégica. Foi providenciada a adaptação da casa dela. Batizamos novas creches da cidade com o nome de cada uma das 12 crianças mortas. Isso envolveu a comunidade.

Para refazer o clima escolar, realizamos desde pinturas inspiradas numa cultura de paz até a reconstrução da escola. Mas demos a liberdade a professores e alunos de sair da escola. Poucos saíram.

É importante aproximar a família da escola?

É uma forma de alertar quando os problemas estão começando. O bullying pode gerar duas atitudes péssimas: uma é o aluno abandonar a escola e a outra é o estudante sentir desejos de vingança, que eventualmente possam crescer.

Como detectar sintomas de problemas?

Quando a escola ouve a voz dos jovens e dá espaço para o empoderamento, tanto deles quanto dos professores, a gente consegue lidar com os problemas antes que estes aumentem.

EXPERIÊNCIA

Claudia Costin, ex-secretária de Educação e diretora do Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais, da FGV

Que lição as tragédias de Realengo e Suzano deixam para a sociedade?

A grande lição é referente à prevenção e também que não se deve subestimar o impacto desses episódios. Outra lição, para mim, é de melhor regulação do acesso a armas.

Acha necessária a presença de psicólogo na escola?

Nem mesmo nos países desenvolvidos há recursos para ter um psicólogo ou um assistente social em cada escola. Educação custa caro, e o dinheiro deve ser gasto para remunerar melhor os professores.

ARTIGO

Parceria escola-família: sonho possível?

Temos de encontrar caminhos de aproximação para respeitar diferenças e identificar indícios de infelicidades que culminam em tragédias

Por Cristiana Berthoud

Você já refletiu sobre o porquê de a família e a escola serem quase desconhecidas uma da outra, se ambas querem a mesma coisa: formar pessoas? Não é de estranhar que familiares fiquem de um lado do muro e equipe escolar de outro? Não são, famílias e professores, todos educadores?

Poderia fazer aqui, mas não vou, reflexões históricas sobre as transformações da escola desde os gregos até chegar ao modelo que adotamos de adulto/professor e crianças/alunos, sem famílias envolvidas. Também poderia fazer aqui, mas não vou, reflexões históricas sobre as transformações da invenção social que chamamos de família. O convite que faço à reflexão é sobre o que acreditamos serem escola e família hoje. A quem estamos delegando o cuidado, a transmissão de informações, a socialização e o acolhimento à individualidade de crianças e jovens?

Educadores: é urgente que repensem nosso paradigma do que é educar e que trabalhem o medo de que as famílias entrem em nossas salas de aula. Chamarmos os pais para reuniões, mandar bilhetes e cobrar participação não é mais suficiente.

Famílias: é urgente que repense-

mos nosso paradigma da função da escola e de nosso papel na formação dos filhos. Só levar e buscar, pagar mensalidades (quando é o caso), ajudar nas tarefas e ir a reuniões não é mais suficiente.

Escola e família precisam encontrar caminhos de aproximação para que possam, juntas, acolher, respeitar diferenças, garantir equidade, identificar indícios de infelicidades que culminam em violências e tragédias que não sabemos a quem responsabilizar.

Se desejamos pessoas felizes e ajustadas à complexidade da vida atual, precisamos que família e escola se gostem mais. É preciso transformar a família em parceira, e não em “cliente” da escola, para criar responsabilidade compartilhada.

Sonho necessário? Urgente! Sonho possível? Sim, como iniciativas

bem-sucedidas demonstram ao redor do mundo. No programa Comunidade da Aprendizagem, os pais são protagonistas em comissões que sonham e decidem os rumos da escola. O programa Fast (sigla em inglês para Famílias e Escolas Juntas), criado há 30 anos e presente em mais de 20 países, incluindo o Brasil, melhora tanto a dinâmica familiar quanto a relação entre familiares e educadores.

John Bowlby, em sua Teoria do Apego, explica como a família produz modelo de vínculos entre adultos e crianças que perduram a vida toda. Urie Bronfenbrenner, o maior autor sobre desenvolvimento humano do último século, explica que o desenvolvimento se dá na troca entre as instâncias sociais. Família e escola são as instâncias sociais básicas. É preciso vínculo! Vínculos geram cuidados. Vínculos evitam tragédias. Que o Brasil não viva jamais outra tragédia em que crianças infelizes matam outras em nossas escolas.

**É PRECISO
TRANSFORMAR
A FAMÍLIA
EM PARCEIRA,
E NÃO EM
“CLIENTE”
DA ESCOLA**

Cristiana Mercadante Esper Berthoud
Professora universitária, psicóloga e pesquisadora, doutora em Psicologia pela PUC-SP com pós-doutorado pela Universidade de Minnesota. É secretária municipal de Educação da Estância Turística de Tremembé e membro da diretoria executiva da Undime-SP
crisberthoud@uol.com.br

8

PASSOS DA CAMPANHA

O caminho da Undime-SP para buscar a paz na comunidade escolar

